

O sufoco de nossas vidas

CARLOS MONFORTE

Um . Brasil

Foi um sufoco, um sofrimento, mas nós não deveríamos achar isso estranho: nada do que o brasileiro realiza vem fácil, de mão beijada. Tudo requer sacrifício, seja no esporte, na área econômica, social ou política. Na verdade, nossos técnicos (fora os economistas, que enlouquecem o Brasil há décadas) nunca foram lá grande coisa. E quando digo técnico, quero falar daquele que manda no time, que dá as ordens, organiza e leva o barco em frente.

Em 58, tínhamos Feola; em 62, Aimoré; em 70, Zagalo. Por aí, podemos notar que se não for mesmo pelo nosso brilho, pelo brilho fulgurante de nossos jogadores, não vamos a lugar nenhum. Da mesma maneira, podemos fazer uma analogia com nossos presidentes, as pessoas que, de uma forma ou de outra, têm o poder da Nação nas mãos. Enquanto o Estado não for reformado como prometem, o dia-a-dia do brasileiro estará sempre embalado pelos desejos do Planalto, que interfere, do alto, nas nossas pobres vidas, aqui embaixo.

Ou o Estado se livra de assuntos, de compromissos, que nada têm a ver com sua essência, ou o Brasil continuará carente e pobre, porque distribui suas riquezas com responsabilidades equivocadas. Não é só isso. Dentro de nós mesmos, precisa nascer a chama da auto-estima, do trabalho coletivo em direção a uma sociedade mais justa e um País melhor.

Todos nós vimos, na semana passada, quando do lançamento do Real, o que fizeram os comerciantes gananciosos, que vivem de costas para a sociedade, de frente apenas para seus lucros; vimos a ação pífida de alguns prefeitos (principalmente das grandes cidades); e vimos bem o palanque dos que acham que tudo o que se faça daqui pra frente, em nome do Governo, seja uma "ação eleitoreira". Como disse o Joelson Beting, numa conversa que tive com ele esses dias: o Plano não

é eleitoreiro, a sabotagem é que é eleitoreira.

Nada é fácil para nós, porque o Brasil há anos está dividido pela marca ideológica, que vai se apagando em muitos países, mas que em nós ainda é forte. E também pela marca da desilusão, do desencanto, do político safado, marcas que são aproveitadas pelos salvadores da pátria de plantão, para fingir que podem nos levar ao Paraíso.

Repito: nada é fácil para nós, mas vamos chegar lá. O que é preciso é uma boa dose de paciência. Se o brasileiro fica com o coração na boca cada vez que a Seleção ameaça entrar em campo, ao mesmo tempo é um povo sábio, honesto e que se adapta com a maior facilidade às circunstâncias. Não sucumbiu ao maior seqüestro da pupança em 90: ao contrário, reagiu como se aquele absurdo fosse salvá-lo. E agora se adapta à nova moeda com a agilidade de um exímio matemático.

E, enquanto isso, vamos nos acostumando a usar o velho porta-níqueis e a ficar de olho nessas remarcações escandalosas do comércio. O ministro da Fazenda está corretíssimo, quando aconselha a ninguém comprar o que é caro, a lutar por seus próprios interesses. O brasileiro está muito acostumado a ter sempre a mão do Estado a lhe proteger. Pára com isso! A nossa briga é o olho-no-olho com o comerciante desonesto.

Agora, é esperar que tudo dê certo. O brasileiro, mais uma vez, está cumprindo gloriosamente seu papel, quieto, recebendo tudo com naturalidade, querendo que tudo acabe bem. Ao Governo - e aí entram o Planalto, o Congresso, o Judiciário - cabe a ação competente na economia e a sensibilidade no social. De sofrimento, já chega cada jogo da Seleção. Mas vamos chegar lá.

■ Carlos Monforte é jornalista